



SONHO

Era um sonho e eu tinha o sentimento de que estava sonhando ou de que parecia um sonho ou revivia um momento antigo — talvez eu tivesse dezoito anos e descesse a rua da Bahia na madrugada escura e gelada de inverno a caminho do quartel, na minha farda de Linha de Tiro, na Belo Horizonte de antigamente e senti que ela andava a meu lado, e isso era um milagre, entretanto ela conversava comigo amorosa e natural, e eu a achava singela e muito alta, não sei por que me parecia que seus seios antes não eram assim tão pequenos, redondos e sobretudo altos sob o vestido branco. Ela dava largas passadas e me segurava um braço rindo, cantando — “marcha soldado, cabeça de papel” — seu riso era muito claro e tinha alguma coisa de riso de menina, e ela se dizia minha noiva.

A rua estava deserta, o bar Trianon estava fechado, nossos passos cantavam e ainda havia estrêlas no céu. Eu tinha o sentimento vivo de que estava feliz, agora ela marchava assobiando — haveria também um pedaço de luz e parecia que a luz se movia com o nosso movimento, se balançando suavemente no céu.

Olhei-a, e vi uma claridade leitosa banhando seu ombro e sua garganta; no fundo, estrêlas. Apertei o seu braço no meu, alarguei as passadas, ela acertava o passo rindo, de repente disse — “olha!”

Senti alguma coisa triste em sua voz, presenti que ia acontecer uma tristeza, no mesmo instante senti pena de mim — eu estava tão feliz marchando a seu lado, eu a sentia tão minha e achava tão justo que ela tivesse me aparecido, e marcharíamos eternamente, tão jovens e amigos pelas ruas do mundo — andariamos em Paris, em Cachoeiro, na praça de Pelotas, em Roma...

Olhei, era apenas a noite, as estrêlas tremiam, em algum lugar um pássaro piava. Então me volvei e havia muitas pescas, um sujeito do Banco da Lavoura, um

colega de Tiro de Guerra, um capitão da FEB e um Político do PRM e eles todos me olhavam com estranheza, as portas do Trianon estavam abertas, havia sujeitos parados me olhando, um era Edgard Andrade, outro parecia Jarbas mas não era Jarbas do Amara! Carvalho. Perguntei — “que horas são?”

Sampaio me disse que eu estava todo sujo de baton e minha roupa estava amassada e suja, os punhos de minha camisa estavam negros. “Por que você está assim?” me perguntavam. Eu então disse o nome de minha namorada, alguém disse: “ela foi-se ontem!” — outro o olhou irritado — “ontem, não, anteontem!” Ela tinha partido para o Rio, depois iria à Europa, e fui submetido ali mesmo, sob a forte luz do sol de encontro a um muro, a um desagradável interrogatório, havia um jovem repórter de nariz grande e óculos que tomava nota, ia sair no jornal assim: ficcu apurado que o indivíduo Rubem Braga tinha vagado pelas ruas durante dois dias e duas noites e estava maltrapilho, em situação lamentável. “Eu tive vontade de dizer àquele repórter que não era um indivíduo, eu também era jornalista, havia pessoas nos jornais que me conheciam, como Newton Prates e Otávio Xavier Ferreira.

Mas o diretor do ginásio me olhava severamente e seus óculos faiscavam de grave reprovação: “o senhor filho do coronel Braga que vergonha!” Sentia-me infame, mas sobre tôdas as humilhações me deu de repente a grande tristeza, o grande desespero dela haver partido, estar tão longe sem sequer se lembrar de mim, e desabei em desgraçado pranto.

A POESIA É NECESSÁRIA

A JÓIA

HENRIQUETA LISBOA

*Diz o incauto! Que fria
maravilha! Que fria
orvalhada translúcida! Que frio
artefato sem jaça!*

*De que neve nasceu, a luz
de que luz polar, de que polida
superfície da morte?
Que relva de açucenas
reclinou, que gratuitos
nimbos etéreos pervagou,
antes de talhada em facetas?*

*Diz o incauto. E ignora
que êsse duro diamante
— amarga amêndoa, câncer
da terra, em cujo seio a tribulação
seu cajado plantou,
êsse diamante duro
de seiva, é um círculo
de fogo, fogo surdo,
fogo do eterno, aprisionado
à coação do minuto.*

